Conferencia Anual do OMR - Observatório do Meio Rural
50 anos de independência 7 de Outubro de 2025

Poderá Moçambique evitar uma «Revolução dos Jacarandás»?

Dr Joseph Hanlon, London School of Economics e Open University, j.hanlon@lse.ac.uk

Bom dia e bem-vindos a esta conferência que analisa os 50 anos de independência. Vim aqui pela primeira vez em 1978 e, desde então, tenho continuado a observar e a escrever sobre Moçambique. Infelizmente, o meu português falado continua fraco, por isso vou falar em inglês. Como alguém de fora, sinto-me particularmente honrado por me terem pedido para reflectir sobre os 50 anos de independência de Moçambique. Considero Moçambique a minha segunda casa e, por isso, sinto-me especialmente triste ao dizer que Moçambique agora está em crise.

O estado fascista em Portugal ruiu há 51 anos, sem que um único tiro fosse disparado, tendo sido foi chamada de «Revolução dos Cravos». A Frelimo está a perder o apoio da classe média profissional e dos jovens que regressam da universidade no estrangeiro. Não se pode confiar no exército; enviado a Ressano Garcia para combater os manifestantes em Novembro passado, o exército cantou em apoio aos manifestantes. Será que a oligarquia moçambicana entrará simplesmente em colapso e fugirá para o Dubai or Cidade do Cabo? Chamaríamos a isso de «Revolução dos Jacarandás»?

O governo admite que a pobreza e a desigualdade estão a aumentar. O Banco Mundial afirma que Moçambique é um dos países mais corruptos do mundo. Tenho feito reportagens sobre todas as eleições multipartidárias de Moçambique, nos últimos anos, para o CIP, com o apoio de centenas dos seus correspondentes locais. E posso afirmar que as irregularidades nas eleições do ano passado foram tão graves que ninguém sabe quem realmente ganhou. Quem olha para Moçambique de fora vê que o país está em dificuldades.

Muitos Estados estão hoje em crise. Em cada um deles, a forma da crise é diferente. A investigação histórica mostra que há três factores que levam ao colapso dos Estados. O primeiro é o aumento da desigualdade. O segundo é a concentração do poder político e económico nas mãos de uma elite corrupta. E o terceiro é a falta de democracia. Não se trata apenas de eleições injustas, mas da falta de outros mecanismos através dos quais as pessoas sintam que podem influenciar as decisões. Cinquenta anos após a independência, Moçambique encaixa neste padrão. As pessoas comuns sentem-se marginalizadas e estão inquietas.

Cada revolução é diferente, mas vejamos três países que têm algumas semelhanças com Moçambique, mas que estão a seguir caminhos diferentes.

A **Roménia** foi um país comunista até ao fim da Guerra Fria. Um novo governo recorreu ao FMI, que impôs a austeridade, o mercado livre e o neoliberalismo — exactamente como em Moçambique. E, tal como em Moçambique, o Estado oligárquico foi encorajado na Roménia. Ainda tem altos níveis de desigualdade,

pobreza e corrupção, o que causou instabilidade e agitação. Em Maio deste ano (2025), o presidente da câmara progressista de Bucareste, Nicușor Dan, foi eleito presidente.

Será que a Roménia pode ser um modelo para Moçambique? Ou será que a Frelimo está tão certa de que perderia uma eleição livre que não permite que ela aconteça?

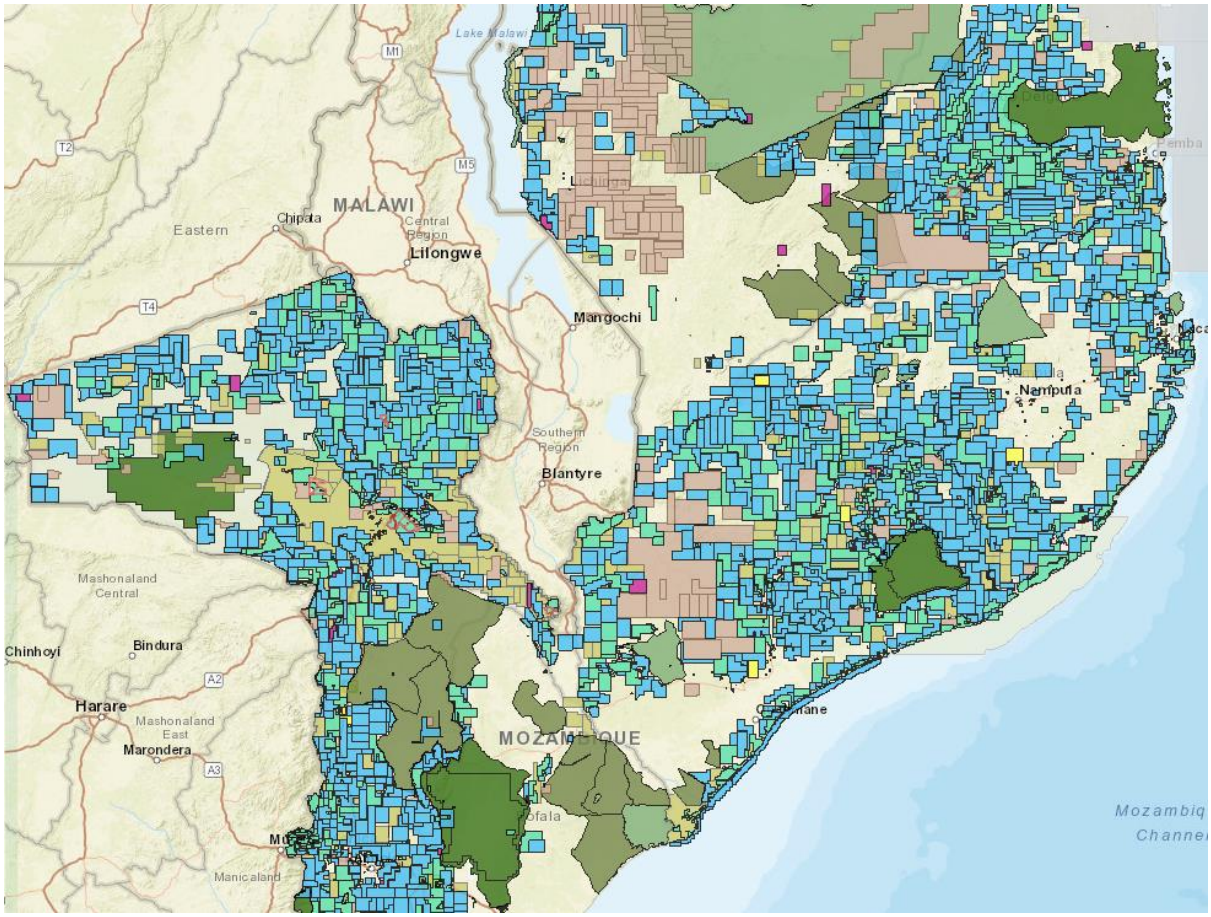
Em segundo lugar, considere o **Bangladesh**, que conquistou a independência em 1971, após uma guerra brutal contra a ocupação paquistanesa. O novo governo investiu na construção da economia - estradas, apoio aos agricultores e educação, especialmente para as mulheres. Mas quando Sheikh Hasina se tornou primeira-ministra em 2009, transformou o país num Estado oligárquico corrupto, com pobreza e desigualdade crescentes. Em Julho do ano passado, manifestações de estudantes paralisaram Daca e outras partes do país, e o protesto transformou-se numa revolução; mil manifestantes foram mortos. Sheikh Hasina chamou os manifestantes de «terroristas», mas advogados e médicos apoiaram as manifestçaões dos estudantes. A 5 de Agosto, Sheikh Hasina fugiu para a Índia.

Estávamos no Bangladesh há uma década a pesquisar para um livro e ficámos chocados ao descobrir que a elite sabia que a festa tinha acabado e se preparava para partir. As crianças foram enviadas para universidades no estrangeiro, partindo do princípio de que não regressariam, estando a classe média alta já a preparar-se para ir para Singapura ou Dubai.

E vemos isto a acontecer em Moçambique, com parte da elite a estabelecer ligações em Portugal, na Cidade do Cabo, no Dubai e nas Maurícias.

O terceiro país a ser analisado é o vizinho de Moçambique, o **Zimbabwe,** onde o partido da independência ZANU e os seus oligarcas permanecem no poder. O país conquistou a independência em 1980, após uma guerra apoiada pela Frelimo. Em cada país, dois terços da população são rurais. Ambos são considerados economias extractivas. No Zimbabwe, a década de 1980 viu um crescimento económico com forte apoio governamental aos agricultores familiares — tanto que as pessoas se mudaram das cidades de volta para as áreas rurais. Mas a década de 1990 assistiu ao padrão conjunto de programas do Banco Mundial e do FMI, também impostos aos antigos países socialistas, incluindo a Roménia, e a Moçambique. Essas políticas afectaram duramente a população rural. Assim, em 2001, o Zimbabwe realizou a maior reforma agrária da história moderna. Na altura, cerca de 4000 agricultores colonos brancos controlavam 30% das terras agrícolas do Zimbabwe, mas não estavam a usar a terra. Em 2001, veteranos de guerra lideraram a ocupação da maior parte dessas terras por 175 000 famílias agrícolas negras. Demorou tempo, mas hoje os agricultores da reforma agrária alimentam o Zimbabwe.

Moçambique seguiu o caminho oposto. Incentivado pelo FMI, pelo Banco Mundial e pelos doadores, priorizou tornar-se uma economia extractiva. Foram concedidas terras a empresas estrangeiras de mineração e gás. Estas expulsaram dezenas de milhares de agricultores locais das suas terras.



Este mapa é do excelente cadastro mineiro de Moçambique, cobrindo o país a norte da Beira. As grandes áreas verde-escuras e verde-claras são parques nacionais e reservas de caça. Os pequenos quadrados azuis e verdes são concessões mineiras. Os quadrados castanhos são zonas reservadas para mineração. Quase não resta terra para a agricultura. Como é que as pessoas deslocadas vão ganhar a vida? Como é que Moçambique se vai alimentar?

Tanto em Moçambique como no Zimbabwe, há uma riqueza que dá nas vistas, ao lado da pobreza rural. No Zimbabwe, machambas de propietários brancos quase vazias, ficavam ao lado de pequenas machambas camponesas. Não havia empregos. Então, os agricultores tomaram as terras.

Em Cabo Delgado, as pessoas que trabalhavam na mineração ou no gás passavam em caros veículos 4x4, sem parar nem comprar nada aos comerciantes locais sentados nas suas bancas à beira da estrada. Pregadores militantes diziam que a lei Sharia exigia equidade e que, num Estado islâmico, a Frelimo não teria permissão para roubar a riqueza. Era a mesma mensagem socialista que a Frelimo havia usado nas mesmas áreas 50 anos antes. Os insurgentes iniciaram a sua luta em 2017 e ganharam apoio.

Inicialmente, a resposta foi idêntica, mas logo se tornou muito diferente. No Zimbabwe, em 2001, o presidente Robert Mugabe opôs-se à reforma agrária. Em Moçambique, em 2017, o governo afirmou que os insurgentes eram terroristas.

Mas Mugabe rapidamente percebeu que as ocupações de terras eram populares. Mudou a sua posição e colaborou com os agricultores da reforma agrária, ouvindo o que eles tinham a dizer. O excelente serviço de extensão agrícola foi alterado para apoiar os novos agricultores da reforma agrária. E o conselho de comercialização de cereais estabeleceu preços mínimos garantidos para o milho - aproximadamente ao preço de paridade de importação. O preço do milho era alto o suficiente para que os agricultores pudessem comprar fertilizantes e sementes de boa qualidade, o que levou ao aumento da produção. Os agricultores da reforma agrária agora produzem milho e tabaco para exportação. A economia rural foi transformada com a criação de empregos e novas cidades mercantis. Apesar da má gestão e da corrupção, a ZANU permanece no poder devido ao apoio aos agricultores familiares.

Em Moçambique, o exército e a polícia não conseguiram derrotar um pequeno grupo de insurgentes que contava com apoio local. Eles ocuparam Palma em 2021 e mantiveram o controle durante uma semana. A Total Energies declarou *força maior* e suspendeu os trabalhos no gás, que ainda não foram retomados. Foi então que o presidente Nyusi chamou mercenários ruandeses. Nyusi recusou-se a dialogar com os “terroristas” e não ouviu a sua mensagem: que eles só queriam empregos.

Até os doadores ouviram a mensagem. No final de 2021, o Banco Mundial e a União Europeia ofereceram um programa de desenvolvimento de dois mil milhões de dólares para Cabo Delgado, se o governo admitisse que havia causas internas para a guerra. O presidente Nyusi recusou-se até a submeter a proposta ao Conselho de Ministros, e a rejeição desta oferta de 2 mil milhões de dólares nunca se tornou pública.

A crise agravou-se. A Frelimo perdeu o apoio de muitos jovens e dos seus pais. A escolha da Frelimo foi manipular as eleições para que ninguém soubesse quem tinha ganho e, depois, reivindicar a vitória. O resultado foram manifestações generalizadas, especialmente por parte dos jovens. No início, no final de 2024, exigiram a «verdade eleitoral», mas em princípios deste ano a mensagem era a mesma que em Cabo Delgado, nomeadamente que os jovens não tinham emprego e não viam futuro para si próprios. Mas a Frelimo faz ouvidos moucos aos seus próprios filhos.

Marcelino dos Santos contou uma história de quando fez parte de uma brigada que percorreu o país em 1983, antes do quarto Congresso da Frelimo. Era uma época de crescente descontentamento. Ele e outros funcionários estavam sentados à mesa que presidia uma reunião. Um camponês levantou-se e disse a Marcelino dos Santos: «Quer saber onde está o problema? Está debaixo da mesa.» Marcelino e os outros olharam, mas não viram nada. «Olhem novamente», disse o camponês. Ainda nada. Finalmente, ele disse: «Sapatos. Vocês estão a usar sapatos novos e bons. Nós produzimos a riqueza deste país, mas estamos descalços.» Há quarenta anos, a Frelimo ainda era confiável. As pessoas estavam dispostas a falar, e o próprio Marcelino dos Santos contou essa história. Hoje, a Frelimo é autoritária e não adianta falar, porque esta não ouve.

Como é que a Frelimo deixou de ouvir os seus próprios filhos

Existem muitos Estados falhados e alguns, incluindo Moçambique, foram parcialmente moldados por forças externas. Compreender essa história é um ponto de partida para os moçambicanos repensarem. O meu novo livro, publicado hoje, argumenta que forças externas — o FMI, doadores e empresas globais — propuseram-se a recolonizar Moçambique. E fizeram-no forçando parte da elite a tornar-se nos novos administradores coloniais. Fizeram-no criando uma «mentalidade de que a ganância é boa» e encorajando a corrupção.

A história começa com o colonialismo português. Portugal era membro da NATO, pelo que o Ocidente apoiou Portugal para manter as suas colónias. Assim, o movimento de libertação moçambicano recorreu aos países socialistas para obter apoio. Em 1981, Ronald Reagan, o novo presidente dos EUA, intensificou a Guerra Fria e travou uma guerra por procuração contra o que chamou de Moçambique comunista. Um milhão de moçambicanos morreram numa década. Por fim, o Ocidente venceu a Guerra Fria. O Muro de Berlim caiu e a União Soviética desintegrou-se. O grupo dos sete países industrializados ocidentais, em reuniões realizadas em 1990 e 1991, decidiu impor o que foi chamado de «terapia de choque» aos antigos países da União Soviética. Isso incluiu privatizações, mercados livres e austeridade, e levou à criação de oligarcas. Essa política foi também imposta a Moçambique.

Foram privatizadas 4000 empresas, na sua maioria para a elite da Frelimo. O Departamento de Avaliação de Operações Internas do Banco Mundial admitiu num relatório confidencial que o Banco Mundial obrigou os bancos moçambicanos a emprestar dinheiro aos novos proprietários, sabendo que o dinheiro não seria reembolsado. O Banco Mundial e o FMI impuseram o que eram obviamente privatizações corruptas de dois bancos. Numa reunião com ministros na sala de jantar da sede do Banco Mundial, a gestora do Banco Mundial de Washington explicou aos ministros que, se eles se recusassem, o Banco Mundial ordenaria a suspensão de toda a ajuda a Moçambique. Se vocês se recusarem, os vossos filhos passarão fome, disse ela. Ambos os bancos foram privatizados, saqueados e entraram em colapso. Os moçambicanos honestos tentaram impedir a crise e Siba Siba Macuacua foi nomeado presidente do Banco Austral para limpar a confusão que lá se vivia. Pouco tempo depois, Siba Siba foi atirado pelas escadas do décimo quinto andar do edifício do banco, na baixa. O assassinato foi investigado e um juiz chegou a nomear a pessoa de alto escalão que, segundo ele, ordenou o assassinato. Mas os assassinos nunca foram a julgamento e os doadores deram dinheiro extra a Moçambique como recompensa.

Oficialmente, o Banco Mundial afirma que a privatização dos bancos foi «satisfatória», mas em 2001 o Departamento de Avaliação de Operações do Banco Mundial elaborou outro relatório confidencial que concluiu que «a privatização dos bancos falhou substancialmente». Esse relatório vai ainda mais longe. Afirma que em Moçambique «após catorze anos de reformas, o principal objectivo de reduzir substancialmente a pobreza através de um crescimento sustentado liderado pelo sector privado não foi alcançado». Estas avaliações secretas são feitas por pessoas de topo e esta afirma, na prática, que durante 14 anos o Banco Mundial mentiu a Moçambique.

Como é que isso é possível? Significa que deve haver outra agenda. A avaliação interna afirma que «o Banco é acusado de endividar o país, beneficiando interesses não locais, ou seja, não os moçambicanos». No meu novo livro, dou detalhes sobre como a verdadeira agenda do FMI e do Banco Mundial era promover a recolonização através da «terapia de choque». Os membros da elite enriqueceram, garantindo que esses activos beneficiassem as empresas multinacionais. Também como parte do pacote, foi imposta austeridade, levando até que, mesmo enfermeiros, professores e funcionários públicos não ganhassem o suficiente para alimentar as suas famílias. Por isso, tiveram de aceitar subornos. E, até hoje, o governo é corrupto.

O principal objectivo era comprar a elite. Os doadores aceitaram a corrupção em contratos, terras, etc. Isto criou os novos oligarcas. E, em 2000, o FMI e os doadores aceitaram o comércio de trânsito de heroína, então gerido pela presidência, que traz 100 milhões de dólares por ano para a economia moçambicana. É partilhado pela Frelimo, pelos oligarcas e pelos milhares de pessoas que têm de ser subornadas para permitir que funcione sem problemas.

O passo seguinte dos doadores foi usar os oligarcas complacentes para aproveitar os recursos de Moçambique, começando na década de 2000-2011 com os megaprojectos. Usando a eletricidade de Cahora Bassa para fundir alumina importada, enviando gás de Inhambane para a África do Sul e abrindo enormes minas de carvão. O Banco Mundial concedeu «ajuda» para esses projectos que deveriam fazer parte do desenvolvimento. Mas era outra mentira. A maioria dos moçambicanos não ganhou nada. Mas os oligarcas lucraram e tornaram-se os novos administradores coloniais.

A década seguinte assistiu ao boom dos recursos de Cabo Delgado, com gás natural, rubis, grafite e outros. Os oligarcas e as suas famílias ganharam terras para exploração e depois venderam a maior parte a empresas mineiras estrangeiras para explorar as minas. As empresas de gás prometeram milhares de milhões de dólares e milhares de empregos, que nunca apareceram. Dezenas de milhares de famílias foram expulsas das suas terras. Agricultores, comerciantes, mineiros artesanais e pescadores costeiros perderam os seus meios de subsistência. E estão furiosos.

Apoio em colapso

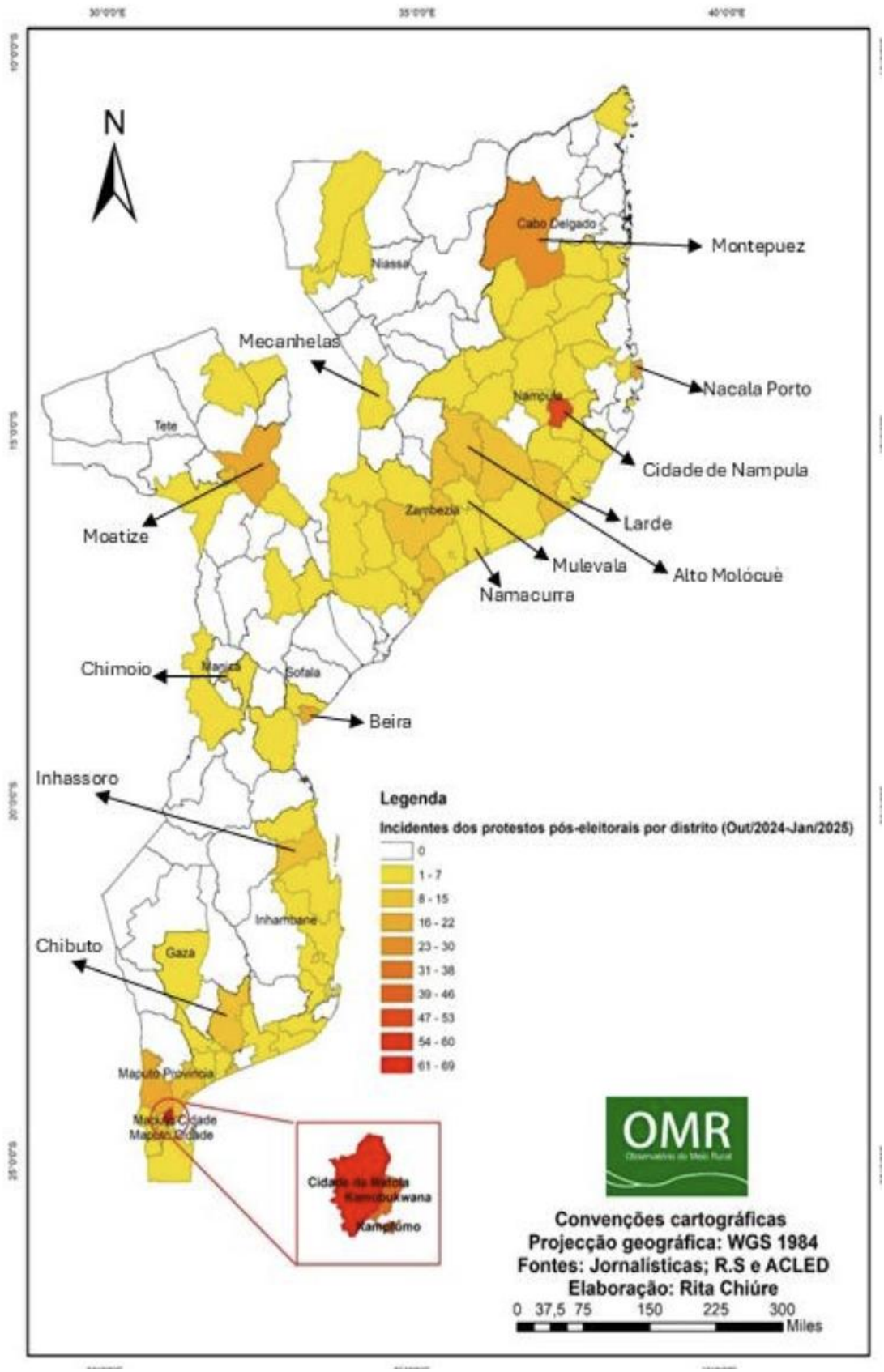
No entanto, a Frelimo continua a tomar decisões contra os seus próprios interesses. Poderia ter impedido a guerra em Cabo Delgado criando alguns milhares de empregos, a um custo muito inferior ao da fortaleza que a TotalEnergies está a construir em Afungi. Poderia ter pressionado as empresas mineiras e de gás para que ministrassem formação e criassem milhares de empregos locais. O governo poderia ter exigido que a grafite fosse processada localmente, em vez de ser enviada para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que estão a subsidiar o processamento.

Veja-se a agricultura, onde os oligarcas prejudicam os dois terços dos moçambicanos que ainda vivem na terra. A Export Trading foi forçada a sair para permitir que uma empresa com ligações políticas assumisse o controle da

comercialização e exportação do feijão-boer, prejudicando milhares de camponeses. A Olam, um das maiores empresas de comercialização de mercadorias do mundo, fechou a sua fábrica de caju em Monapo, em 2021, deixando 3000 pessoas sem emprego. Informalmente, culpou as pressões injustas de pessoas poderosas. Moçambique importa mais de 400 milhões de dólares por ano em arroz, que poderia ser cultivado localmente, alegadamente porque os importadores têm ligações de alto nível.

Os oligarcas acreditam que podem manter o controlo através de meios administrativos, controlando o parlamento, os tribunais e a administração eleitoral. Mas os truques administrativos podem não continuar a funcionar. Já as eleições de 2018 e 2019 foram consideradas fraudulentas e os partidos parlamentares foram autorizados tardiamente a acordar alterações à lei eleitoral. O parlamento aprovou-as, mas o presidente Nyusi vetou a lei, no último minuto, pelo que as eleições foram realizadas ao abrigo da antiga lei. Este foi um debate aberto apenas para *inglês ver*.

A Frelimo sabia que estava a perder apoio. Trabalhei para o Centro de Integridade Pública, CIP, no nosso boletim informativo eleitoral, tanto para as eleições municipais de 2023 como para as eleições nacionais de 2024. A má conduta foi enorme. Venâncio Mondlane foi eleito presidente do Município de Maputo, e eu sei disso porque vi os 800 editais oficiais. Nem mesmo a classe média de Maputo apoia mais a Frelimo. Mas a Frelimo foi declarada vencedora. Para as eleições de 2024, tínhamos 500 correspondentes locais e tudo o que podemos dizer é que a má conduta foi tão grande que ninguém sabe quem realmente ganhou. O resultado foram manifestações de milhares de jovens em todo o país. Como mostra este mapa, não foi apenas em Maputo, mas em todas as áreas urbanas do país. A polícia matou a tiro 350 manifestantes.



Em resposta, o novo presidente Daniel Chapo iniciou uma consulta com os partidos políticos, mas com Chapo a presidir as reuniões e a organização a cargo da Frelimo. Com um ritmo lento significa que serão necessários mais quatro anos para

se chegar a um consenso. Tal como aconteceu com a reforma eleitoral há cinco anos, este debate público é apenas para *inglês ver*.

Mas os novos senhores coloniais, os doadores e o FMI, não gostam do que criaram. A ajuda a Moçambique está a ser significativamente reduzida. O apoio político é igualmente reduzido. Moçambique já não é o filho favorito. É provável que o FMI aumente a sua pressão, forçando mais austeridade, cortes na taxa de câmbio e um limite ao endividamento interno. Tanto as pessoas comuns como as elites sentirão o aperto.

Muitos na elite esperam poder continuar como os administradores coloniais, recebendo as suas rendas e mantendo o controlo administrativo. Mas a Revolução dos Cravos em Portugal, há 51 anos e a revolução no Bangladesh, em Julho do ano passado, tiveram o mesmo desenrolar. A oposição cresceu e os jovens juntaram-se aos profissionais. Com o povo nas ruas, o governo simplesmente desapareceu. Isto pode acontecer em Moçambique. Os jovens estão apenas temporariamente calmos. Até os filhos da Frelimo querem mudanças. A guerra em Cabo Delgado continua e haverá milhares de jovens — e os seus pais — nas ruas. Os oligarcas fugiriam. E isso poderia ser chamado a «Revolução dos Jacarandás».

Mas há uma alternativa. Os moçambicanos não pretendiam criar um Estado oligárquico corrupto, mas foram empurrados para isso pela desonestidade do Banco Mundial, do FMI e de alguns doadores, que diziam que a terapia de choque desenvolveria Moçambique. Alguns poucos no topo beneficiaram da situação e tornaram-se ricos e poderosos ao servir os novos senhores coloniais. Eles dizem, com razão, que foi isso que o FMI e o Banco Mundial lhes disseram para fazer. Mas os filhos e netos da Frelimo percebem que Moçambique é novamente uma colónia. A Frelimo poderia ouvir os seus filhos em vez de disparar contra eles. Juntos, os moçambicanos poderiam lutar pela independência dos novos governantes coloniais e tentar novamente construir uma nação que beneficie a todos. Essa seria uma verdadeira Revolução dos Jacarandás. Intitulei esta palestra «Moçambique pode evitar uma Revolução dos Jacarandás?». Mas um título melhor seria: «Como será uma Revolução dos Jacarandás?».